

Uma nova visão do campo

Ainor Lotério

Enquanto é alardeado por aí que a vida no campo está ficando cada vez mais difícil, ousamos falar em uma visão alentadora dele.

No campo moram inúmeras oportunidades de trabalho e renda. Lá há espaço e possibilidades cada vez maiores de produzir com qualidade e buscar a diferenciação. Apenas o novo agricultor, o agricultor da nova era, deve se portar como um profissional autêntico, buscando cada vez mais o aperfeiçoamento consciente e o domínio do seu negócio. É sabido que a dependência financeira, assim como a dependência de conhecimentos, são fatores desastrosos em certos momentos de um empreendimento.

Destarte, para empreender no campo o agricultor tem que possuir uma visão especial e espacial da sua propriedade, situando-a numa visão global.

O campo não é coisa pequena, inferior, tosca ou rústica. O campo é o lugar das sensibilidades, da produção, da produtividade, de pessoas felizes, bem sucedidas e inteligentes também.

Quando compreendermos que as cidades surgiram e se edificaram a partir da retirada das energias e de materiais do campo, então estaremos compreendendo a interdependência campo-cidade. Neste sentido, dá para perceber que o desenvolvimento deve ser harmônico e não conflitante.

De nada resolve querermos olhar apenas para o urbano e esquecermos o rural. Sempre que uma área estiver desprestigiada a outra vai sofrer a descarga dos seus problemas, principalmente, sociais.

A visão que temos do campo nas terras catarinenses é de um espaço com uma boa estratificação de propriedades, quando comparado com o território nacional. Das 203 mil propriedades rurais (até bem pouco tempo era falava-se em 240 mil proprie-

dades), aproximadamente 90% são de agricultores familiares. Agricultores que lá estão produzindo, trabalhando em conjunto com seus filhos e filhas.

Uma nova visão do campo vai nos remeter a uma reflexão, vai requerer de nós um direcionamento sobre o desafio dos novos padrões sucessórios nas propriedades.

Hoje, as terras dos pequenos agricultores já não podem mais ser divididas entre três ou quatro filhos. Resta ao produtor, dessa forma, adquirir novas glebas de terra para os filhos que quiserem continuar produzindo.

De outra parte, vale mais para a sociedade investir num pedaço de terra para transformá-lo em uma propriedade produtiva do que deixar os seres humanos, cidadãos do campo, virem para as cidades, na maioria das vezes despreparados e sem mercado de trabalho, penar nas periferias.

“Se o campo não planta a cidade não janta!” Esta é uma frase das muitas sábias que já ouvimos de agricultores nas lides do campo. Ela serve para refletirmos sobre a importância que o campo exerceu e exerce sobre os destinos e a expansão das cidades. Quando falamos de êxodo rural, as pessoas imaginam que ele é um mal para o campo. Na verdade, o êxodo rural é um mal maior para as cidades, na medida em que acontece o inchaço das periferias, criando novas necessidades ou demandas por serviços públicos, com o saneamento básico, infraestrutura viária, saúde, energia elétrica, água tratada, escolas, entre tantas outras necessidades que vão surgindo. Se tivessem mais consciência dos reflexos negativos que isso traz sobre as cidades, todas as administrações e, por conseguinte, todas as políticas públicas primariam pelo apoio ao homem do campo. O êxodo rural apenas deixa o campo com menos população, mas não é ele o responsável pela queda na qualidade de vida. Pelo contrário, a queda na qualidade de vida, a falta de lazer, a carência de serviços públicos que atendam bem as famílias que lá vivem, bem como as dificuldades relacionadas principalmente com a obtenção de recursos para investimentos, e a falta de organização dos produtores para a comercialização

(mercado) é que fazem o homem do campo desistir de lá.

A agricultura é o melhor setor do mundo, uma vez que ela oferece um espaço saudável para vivermos, condições para produzirmos comercialmente e para a subsistência. Para que isto aconteça, basta que saibamos aproveitar e apoiar com firmeza o potencial que lá existe.

Não bastassem tantas vantagens que adornam e valorizam naturalmente o campo, atualmente os investimentos em turismo ecológico-rural, turismo de interior, agroturismo ou agroecoturismo estão se tornando cada vez mais vantajosos. E o cenário catarinense, com um caldo de cultura dos mais diversificados, é propício para o desenvolvimento de atividades agregadoras de valor a propriedades como estas. O campo é um lugar ótimo para vivermos, especialmente quando há amor pelo que fazemos. Para essa visão se tornar cada vez mais uma realidade, o agricultor deve entender que ele é o principal agente do seu desenvolvimento, buscando apenas um complemento nas políticas para bem desenvolver o seu negócio e gerar felicidade para a família.

A nova visão do campo envolve um novo olhar das lideranças das cidades e uma nova visão por parte de todos os envolvidos no espaço rural.

Ainor Lotério, eng. agr., Cart. Prof. 51 028524-3/D, Crea-SC, diretor da Epagri e Gestor Estadual do Pró-Jovem/SDA, C.P. 502, 88034-901 Florianópolis, SC, fone: (048) 239-5500, fax: (048) 239-5597.

O melo ambiente e a cultura dos povos

Geraldo Buogo

Estudiosos do assunto dizem que em culturas tradicionais do mundo inteiro é encontrada a imagem da terra como uma mãe (“Mãe Terra, Mãe Natureza”) e o ser humano fazendo parte dela. Para essas culturas, a